

MACHISMO OU RACISMO? A INTERSECCIONALIDADE COMO RESPOSTA À HIERARQUIA DE OPRESSÕES

SEXISM AND RACISM: INTERSECTIONALITY AS A RESPONSE TO THE HIERARCHY OF OPRESSIONS

MACHISMO Y RACISMO: INTERSECCIONALIDAD COMO RESPUESTA A LA JERARQUÍA DE OPRESIONES

Bibiana de Paiva Terra

Mestranda em Direito, com ênfase em Constitucionalismo e Democracia pela Faculdade de Direito do Sul de Minas.

E-mail: bibianaterra@yahoo.com

Cícero Krupp da Luz

Doutor em Relações Internacionais pela USP. Professor do Mestrado em Constitucionalismo e Democracia da Faculdade de Direito do Sul de Minas.

E-mail: ciceroluz@gmail.com

Adriano Ferreira Resende

Mestrando em Direito, com ênfase em Constitucionalismo e Democracia pela Faculdade de Direito do Sul de Minas.

E-mail: aferes13@gmail.com

Resumo

O objetivo central desse artigo é analisar teoricamente a necessidade de se considerar recortes de gênero e raça nos discursos feministas. Para tanto, aborda acerca do conceito da interseccionalidade e destaca que os debates que ocorrem nas mídias sociais sobre temáticas que envolvem machismo e racismo tentam hierarquizar opressões. Para exemplificar isso, traz como plano de fundo o ocorrido na vigésima edição do reality show “*Big Brother Brasil*”.

Palavras-chave: Feminismo; Machismo; Racismo; Interseccionalidade; Mídias sociais.

Abstract

The main objective of this paper is to theoretically analyze the need to consider gender and race cuts in feminist discourses. Thus, it addresses the concept of intersectionality and highlights that the debates that take place on social media on themes involving sexism and racism try to hierarchize oppression. To exemplify this, it brings as background what happened in the twentieth edition of the reality show “*Big Brother Brasil*”.

Keywords: Feminism; Sexism; Racism; Intersectionality; Social networks.

Resumen

El objetivo principal de este artículo es analizar teóricamente la necesidad de considerar los recortes de género y raza en los discursos feministas. De esta manera, aborda el concepto de interseccionalidad y destaca que los debates que tienen lugar en las redes sociales sobre temas que involucran machismo y racismo intentan jerarquizar la opresión. Para ejemplificar esto, trae como telón de fondo lo que sucedió en la vigésima edición del verdadero espectáculo “*Big Brother Brasil*”.

Palabras clave: Feminismo; Machismo; Racismo; Interseccionalidad; Redes sociales

Introdução

Na edição de 2020 do programa televisivo *Big Brother Brasil*, exibido pela Rede Globo, houve uma ampla oportunidade de se discutir temáticas envolvendo feminismo e racismo. Isso porque, nesse ano, o feminismo e o antirracismo foram as grandes “bandeiras” levantadas pelos participantes e também pelos seus telespectadores. Iniciado com um elenco de vinte pessoas, sendo dez mulheres e dez homens, dentre eles dois negros, um de cada gênero, o programa, quando estava na metade, já havia eliminado nove homens e apenas uma mulher.

Na perspectiva da comunicação e das mídias sociais, basta uma breve procura em páginas de notícias ou canais de comunicação, como *facebook*, *twitter*, *instagram* e *youtube*, para ser possível perceber o quanto ganharam abrangência e popularidade os discursos feministas e/ou raciais. Para boa parte das pessoas, temas que abrangem “lugar de fala”, “feminismo negro” e “empoderamento” soam como uma ideia fragmentária e divisionista. No entanto, para outros, essa é uma oportunidade para discutir importantes questões sobre justiça social, pois existe a possibilidade de abordar diferentes opressões que abrangem gênero, raça e classe, entre outros.

Sendo assim, é possível compreender que essas plataformas digitais citadas acima têm gerado engajamento e repercussões, tendo dessa forma possibilitado uma ampliação de importantes discussões. Na perspectiva dessa pesquisa, entendeu-se que o *Big Brother Brasil* impulsionou os debates envolvendo a temática do machismo e racismo, tendo sido a edição de 2020 um fenômeno de audiência para a Rede Globo. O programa movimentou a internet como nunca antes em sua história e chegou a gerar 4,3 bilhões de impressões e comentários em suas redes oficiais; e cerca de 88 milhões de pessoas consumiram algum de seus conteúdos (Oliveira, 2020, 30 de abril).

O feminismo foi o tema que dominou a primeira parte do programa e, após eliminar 90% dos participantes do sexo masculino, restou apenas o homem negro (Babu Santana) com oito mulheres brancas e uma negra (Thelma Regina). A partir desse cenário, a narrativa do racismo/antirracismo passou a ser instaurada (Brasileiro, 2020, 07 de abril). A audiência que acompanhava a sua exibição passou então a levantar diversas discussões e conversas nas redes sociais sobre qual opressão “seria a pior” – o machismo ou o racismo?

Partindo desse questionamento e do exemplo do que houve no *Big Brother Brasil*, o artigo pretende fazer uma análise acerca do machismo, racismo e das hierarquias de opressão, apresentando o conceito da interseccionalidade. Para tanto, se organiza da seguinte forma: No primeiro tópico, aborda acerca da interseção dos sistemas opressores, ao apresentar o conceito de interseccionalidade; no tópico seguinte, trabalha com o exemplo do *Big Brother Brasil* e da onda de ataques que ocorrem nas mídias sociais em abordagens que envolvem feminismo e racismo; e, por fim, analisa sobre a necessidade de se pensar em recortes de gênero e raça para que não haja hierarquia de opressões.

A partir desses três pontos, o artigo se propõe a fazer uma investigação teórica, sendo essa construída majoritariamente a partir do pensamento de autores como: Adilson José Moreira, Angela Davis, Audre Lorde, *bell hooks*¹, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro e Kimberlé Crenshaw, entre outras mais. Para a sua construção, foi adotada a metodologia da revisão bibliográfica, a partir das temáticas desenvolvidas pelas autoras mencionadas.

1. Interseccionalidade: uma análise entre os conceitos de gênero, raça e classe

São muitos os sistemas de opressão que perpetuam grupos específicos no poder enquanto marginalizam tantos outros. Entre eles, abrangem as discriminações de raça, gênero, classe social, etnia, religião, orientação sexual, e outros mais. Estas estruturas de dominação não são estanques, pelo

¹ O nome de *bell hooks* será escrito em letras minúsculas neste artigo pois é assim que a autora norte-americana Gloria Jean Watkins, que adota o nome de sua bisavó materna, se apresenta, sendo sempre escrito dessa forma.

contrário, elas interagem constantemente e se influenciam mutuamente. Desse modo, não é possível combater uma dessas estruturas e não considerar a relação dinâmica que ela possui com todas as outras (Hooks, 2019a).

A partir disso, pode-se compreender a relevância do conceito da interseccionalidade, cunhado pela autora afro-americana Kimberlé Crenshaw. Esse conceito auxilia na compreensão de que diversos grupos sociais estão em posições vulneráveis, na medida em que sofrem múltiplas e simultâneas opressões, pois se encaixam em mais de um tipo de identidade que é historicamente subordinada. Sendo assim, gênero, raça, sexualidade, classe, etc., precisam ser analisados em suas sobreposições (Crenshaw, 1989).

A partir do marco teórico do feminismo negro norte-americano, Crenshaw procurou, inicialmente propondo a interseccionalidade como uma metáfora e em seguida como um conceito provisório, discutir as questões relativas ao acesso de mulheres negras norte-americanas ao mercado de trabalho. A sua intenção era desenvolver um marco analítico capaz de compreender as particularidades relativas à violência específica que afetava esse grupo de mulheres nos Estados Unidos. Nesse sentido, a autora entendeu que a ferramenta da interseccionalidade seria o meio ideal para fazer esse tipo de análise, pois assim ela poderia perceber os demais eixos de subordinação a que às mulheres estavam inseridas, cada uma delas em um contexto (Crenshaw, 1989).

Sendo assim, pode-se compreender que o conceito da interseccionalidade surgiu no bojo da crítica feminista para resgatar que o cruzamento de diferentes marcas produz distintas formas de desigualdade. O termo foi cunhado pela norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, mas só ganhou notoriedade nos anos 2000, e pode ser entendido como uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar sobre a inseparabilidade estrutural entre racismo, patriarcalismo e capitalismo, e as suas articulações decorrentes disso (Akotirene, 2019).

No entanto, é importante ressaltar que teorias implícitas sobre a interseccionalidade já existiam anteriormente à formulação de Crenshaw. Há desde o discurso “E eu não sou uma mulher?” proferido por Sojourner Truth no século XIX até as análises de autoras como Angela Davis e *bell hooks*, criticando o feminismo branco, ocidental e de classe média, por ignorar as interseções entre classe e raça na pesquisa feminista e, assim, não considerar as possíveis outras opressões a que as mulheres negras e de outras minorias estavam submetidas.

Para Crenshaw, gênero e raça interagem com outras formas de opressão e, desse modo, determinam as experiências vividas por mulheres negras (Crenshaw, 1989). Sendo assim, o conceito de interseccionalidade, conforme foi originalmente formulado, permite dar visibilidade às múltiplas formas de “ser mulher”, sem que se caia em discursos reducionistas e universalizantes. Além disso, ele também pode ser entendido como um conceito sociológico que estuda as interações nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder (Akotirene, 2019).

Desse modo, a interseccionalidade enfatiza a natureza simultânea de opressões. No entanto, ela é mais do que simplesmente a soma de distintas desvantagens. Diferentes pessoas podem experimentar simultaneamente desvantagens e privilégios, através de seus *status* combinados de raça, classe e gênero. Ao analisar os fatores de classe social e raça como fatores que se interseccionam e subjetivam corpos, é possível perceber um amplo campo de problematizações, o qual possibilita compreender exclusões advindas de diferentes marcadores sociais (Hooks, 2019b).

Mulheres em diferentes contextos enfrentam diferentes tipos de opressões. A autora americana Angela Davis chama a atenção para a experiência de mulheres brancas de classe média com as opressões sexistas, ao abordar que essas se dão de uma forma isolada de questões econômicas e raciais. Já as mulheres da classe trabalhadora experimentam um sexismo que está marcado pelo contexto da exploração de classe. E as mulheres negras, por sua vez, vivenciam a opressão de gênero nas circunstâncias do racismo (Davis, 2017).

O feminismo negro, diferente do que grande parcela das pessoas acredita, não tem o intuito de separar as mulheres dentro do movimento feminista. A sua intenção é procurar entender as especificidades de cada grupo, pois compreende que a sua universalização foi feita tendo-se como base a representação da mulher branca de classe média. Um exemplo disso é que as reivindicações das mulheres para poderem trabalhar fora de casa e sem autorização de seus maridos, uma questão levantada pelas feministas por muito tempo, nunca foi uma reivindicação das mulheres negras e pobres, pois estas já estavam inseridas nesse cenário (Davis, 2016).

Desse modo, é fundamental que se considere recortes de gênero, raça e classe, principalmente em sociedades que são marcadamente racistas, sexistas e com intensas desigualdades sociais. Ao tentar identificar uma experiência feminina como comum a todas as mulheres e ignorar outras

características como raça, classe e orientação sexual, entre outras, o que se tem como resultado é um silenciamento e invisibilidade acerca da multiplicidade de possíveis experiências que compõem a condição feminina (Bairros, 2020).

2. O “BBB 2020” e as repercussões midiáticas envolvendo gênero e raça

Diante da problemática que envolve a teorização sobre o conceito de interseccionalidade, a repercussão midiática dos debates sobre gênero e raça a partir da participação de Thelma e Babu, únicos participantes negros, na vigésima edição do reality show *Big Brother Brasil*, revela as nuances do racismo presentes nos discursos da opinião pública. São narrativas que expressam a opressão da performance da raça (Kilomba, 2019) e demonstram como as violentas projeções culturais sobre a negritude são potencializadas quanto a ser negro em espaços de exclusão e desigualdade.

Sem desconsiderar as indagações e críticas que circundam os meios de comunicação de massa, sua funcionalidade e seu escopo na formação e dominação do imaginário social, seu potencial de cooptação e alienação de mentes (Adorno, 2002), problematizar raça e gênero, racismo e sexismo a partir de tais produções pode permitir e indicar uma nova via para reflexão e construção discursiva contra hegemônica. Isso possibilitaria a análise dos mecanismos que disciplinam e sustentam as hierarquias sociais (Foucault, 2005).

Nesse sentido, interessa destacar a repercussão midiática sobre a participação de Thelma Regina e Babu Santana no *Big Brother Brasil* 2020, presença minoritária da negritude nesse programa televisivo que ocupou lugar na discussão e na opinião pública nos primeiros meses do ano². Ambos jogadores na disputa da chance única de ficar milionário, e que, no contexto do jogo, se aproximaram, estabeleceram alianças e uma relação de cumplicidade. Isso até o dia em que a participante Thelma votou em Babu (Sarine, 2020, 13 de abril).

Em que pese as demais circunstâncias que caracterizam esse fato, o que resta interessante para a discussão aqui tratada é a repercussão e o debate gerado a partir do fato de uma mulher negra ter escolhido como vítima do seu voto um homem negro. Interessa o destaque da narrativa, do voto de desonra à “raça” e da luta antirracista, posto que, entre o negro e uma mulher branca, deveria ter escolhido a mulher branca como opção de voto (Sarine, 2020, 13 de abril). Dessa escolha da participante, emergem o discurso e os questionamentos sobre raça anteceder gênero, além de violenta mobilização nas redes sociais em ataques racistas (Folha de São Paulo, 2020).

Essa discussão sobre o racismo no programa não se centralizou apenas na trajetória de Thelma Regina, mas também mobilizou a discussão sobre o tema a partir das experiências de outro participante negro do programa, o ator Babu Santana. O participante enfrentou a rejeição de outros integrantes da atração televisiva, tendo sua imagem associada à figura de um “monstro”, que intimida e amedronta (OLIVEIRA, J., 2020, 18 de março), que “não tem cara de vip” (Redação Catraca Livre, 2020, 30 de abril). Discursos racistas que evidenciam a desigualdade epidérmica (Fanon, 2008), que reduzem o negro a estereótipos subalternizantes, estigmas culturais que permeiam o senso comum, isto é, narrativas construídas pelo branco sobre o negro. Tais discursos reverberaram entre os telespectadores do programa, produzindo uma busca sobre o tema racismo a partir dos episódios do programa. Como demonstra a base de dados do site buscas Google, nos últimos 12 meses, dos 25 assuntos relacionados ao tema racismo, 5 estão associados a discussões que partiram do *Big Brother Brasil* 2020.

Desse modo, pode-se compreender que o programa televisivo teve um papel bastante importante no engajamento dessas discussões, impulsionando as temáticas do machismo e do racismo. Não somente a questão da raça, mas a do gênero também, repercutiu muito nessa edição, tendo sido essa marcada pela união das mulheres confinadas, que, após descobrirem que os homens haviam se unido para seduzir as participantes comprometidas e, assim, descredibilizá-las frente à audiência pública, se manifestaram contra o machismo deles (Antunes, 2020, 04 de fevereiro). Importantes pensadoras feministas brasileiras, como Joice Berth e Carla Akotirene, inclusive

² O programa foi ao ar do dia 21 de janeiro até o dia 27 de abril.

chegaram a se manifestar sobre essa questão em seus perfis na rede social *instagram* (Berth, 2020) (Akotirene, 2020), o que novamente comprova o impulso gerado pelo programa acerca dessa temática.

Nesse sentido, sobre raça, gênero e sexualidade, Audre Lorde afirma que não existem hierarquias entre as opressões que afligem negros, mulheres, e as demais identidades categorizadas como desviantes e subalternas, uma vez que a fonte da opressão é a mesma (Lorde, 1983). Nessa perspectiva, não há precedência entre gênero e raça. Além disso, a redução da teorização sobre a interseccionalidade em elemento alegórico em um reality show, exigindo-se da mulher negra uma ação pró-raça, pró-negritude e, acima de tudo, uma posição de representação da negritude, demonstra como a dinâmica do racismo presente nos discursos contemporâneos tem aprisionado os corpos negros na performance da raça. Isso ocorre sem que haja espaço para uma análise crítica e para um enfrentamento dos reais fatores de discriminação e desigualdade.

Sendo assim, aspectos como a discussão sobre a desigualdade racial na produção do programa televisivo (vinte participantes, sendo apenas dois deles negros), que poderiam levar a outras discussões como sobre o racismo nas produções televisivas, isto é, à presença de negras e negros na produção e protagonismo na arte e cultura, que sequer são questões pautadas. Essas questões são desconsideradas para dar espaço a discussões focalizadas apenas na identidade e não nas estruturas que permitem que tais condições subsistam (Almeida, 2019) e existam de forma precária e desumanizadora.

Sobre a performance da raça, ser representante da “raça”, na condição e *status* de representatividade da negritude, revela o racismo (Kilomba, 2019), pois atribui-se a ela o dever de representar todas aquelas e aqueles que não estão entre eles, todas as pessoas negras que não ocupam aquele espaço, pois as estruturas sociais negam o seu acesso (Kilomba, 2019). Nessa acepção, deve-se compreender que a construção social de raça estrutura relações de poder, elementos que estabelecem o lugar em que o sujeito deve estar (Moreira, 2019).

Sendo assim, toda retórica que cerca o discurso da representatividade das únicas negras e negros nos espaços midiáticos, acadêmicos, cargos de chefia e políticos, não pode ser naturalizada e reduzida à ação meritocrática.

Esse é um discurso que deve estar acompanhado da análise crítica sobre quais mecanismos sociais continuam a contribuir para que o racismo ainda opere seus efeitos na escolha de poucos. Ou seja, a representatividade importa quando para desestruturar hierarquias e não para a manutenção das mesmas. Nesse sentido:

(...) não há racismo sem estruturas políticas e econômicas que sustentem um processo contínuo de transformação de indivíduos em “negros” e “brancos”. (...) política identitária sem um horizonte de transformação do próprio “maquinário social” que produz as identidades sociais gera uma camisa de força que faz com que o “sujeito” negro, mulher, LGBT possa ser, no máximo, uma versão melhorada e menos sofrida daquilo que o mundo historicamente lhe reserva (Almeida, 2019, p. 12-13).

A posição que a negritude adquire, quando incluída no espaço de exclusão, impõe-se ao papel forçado de representante da raça, e, nesse processo de “identificação absoluta ou essencialismo, no qual uma pessoa é vista meramente como uma “raça”, é somente possível porque no racismo nega-se, para negras e negros, o direito à subjetividade” (Kilomba, 2019). Assim, no espaço resguardado aos representantes da negritude, no lugar da representatividade, da performatividade da raça, como aborda Grada Kilomba, há uma existência em triplicidade. Nesse sentido, Thelma é um “corpo”, uma “raça”, uma “história”, um pessoa tripla, fala como corpo, como a “raça” que descende de pessoas que foram escravizadas, ao passo que pessoas brancas são sujeitos que falam como indivíduos (Kilomba, 2019).

E, nesse espaço de exclusão, as subjetividades são limitadas pelos estereótipos e estigmas, composições oriundas das projeções culturais de grupos racializados, com a atribuição de sentido a características físicas que visam estabelecer diferenças e legitimar hierarquias de um grupo sobre o outro, isto é, a branquitude e negritude colocadas, respectivamente, com atribuições diversas, construções culturais de superioridade e inferioridade (Kilomba, 2019).

3. Pensar a interseccionalidade para desarticular hierarquias de opressão

“comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-oba (...) só pode ser doméstica (...) (Gonzalez, 184, p. 230).

No jogo de poder e dominação, a negritude surge com atribuições negativas por meio de construções morais e sobre valores impostos sobre o ser negro, delimitando-se o espaço do fracasso, para vulnerabilidade, ao servilismo, à dependência e à inferioridade, não se admitindo a ascensão de negras e negros à posição de vencedores, fortes e altivos (Carneiro, 2011, p. 24). E tais construções sociais sobre a identidade negra apresentam-se como um dos sustentáculos da violência do racismo, que, de forma direta ou indireta, atinge parcela da população, não sendo diferentes nem mesmo com aqueles que representam a raça.

Ambos os participantes negros dessa edição sofreram inúmeros ataques durante o programa. Em especial a participante Thelma, que foi chamada de “mucama”, safada, negra coitada, entre outros, em notórias agressões proferidas nas redes sociais. Desse insulto que remete à figura colonial da mucama, aponta como adjetivos, atributos e papéis que remetem à posição de subalternidade, imoralidade e desumanização que são impostos a negras e negros (Carneiro, 2011, p. 25).

De todos os xingamentos dos quais ela foi vítima, “mucama” pode ser apontado como o espaço que deve ocupar a mulher negra. É o espaço da subserviência, da submissão e da dominação. Nessa perspectiva, Lélia Gonzalez, ao tratar sobre racismo e sexismo na cultura brasileira, ressalta que:

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as

Logo, reputar à mulher negra como mucama, significa rememorar a violência do colonialismo, que atribuiu sentido aos papéis da raça e que ainda define as posições sociais de brancos e negros. Significa também trazer à tona o espaço de subjetividade que delimita o papel social das mulheres negras no Brasil e é novamente afirmar que aquele espaço, num programa de televisão, não lhe pertence.

A edição de 2020 do reality show *Big Brother Brasil* conseguiu trazer bastante engajamento para temas envolvendo machismo, racismo e feminismo, isso porque esses foram assuntos discutidos não apenas por quem estava assistindo, mas também pelos próprios participantes em confinamento. A sua exibição repercutiu na internet e nas mídias sociais, que passaram a questionar o que seria mais importante, ser contra o machismo ou ser contra o racismo. A partir desse questionamento, pode-se perceber que houve uma tentativa de hierarquizar opressões.

Essas perguntas ignoram a interseccionalidade e não consideram a possibilidade de as opressões atravessarem umas às outras. Audre Lorde ressalta que não há como lutar contra uma forma de dominação e ser conivente com quaisquer outras dominações existentes. A autora alerta sobre a necessidade de tirar essas pautas da invisibilidade e analisá-las sob uma perspectiva interseccional, pois isso mostra-se fundamental para que se possa abandonar análises simplistas e para que se rompa com o discurso universalizante que apenas serve para excluir (Lorde, 1984).

Desse modo, Audre Lorde aborda sobre a importância de não se hierarquizar opressões, pois não se pode negar uma identidade para afirmar outra (Lorde, 1984). Nessa mesma perspectiva, *bell hooks* também chama a atenção para a necessidade de um pensamento feminista interseccional. A autora faz um chamado à desconstrução da masculinidade e aborda os mecanismos do discurso racista dentro da luta feminista e das posições misóginas dentro do movimento negro. Ela ressalta sobre a importância de se ter um comprometimento com o combate unificado entre todas as formas de opressão (Hooks, 2019c).

Mulheres brancas e homens negros dispõem de dois caminhos. Podem agir como opressores e podem ser oprimidos. Homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo os autoriza a agir como exploradores e opressores de mulheres. Mulheres brancas podem ser vitimadas pelo sexismo, mas o racismo lhes faculta agir como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm instituído movimentos de libertação que favorecem seus interesses e dão suporte à opressão continuada de outros grupos (Hooks, 2019a).

Diante disso, bell hooks alerta que uma revolução feminista não acabará com a opressão se não acabar também com o racismo, o elitismo e o imperialismo. Ela aborda que não adianta um grupo de mulheres se libertar da dominação masculina se existirem outros grupos de mulheres que continuam sendo exploradas (Hooks, 2019d). Sendo assim, gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais, regionais, entre outras. Desse modo, a interseccionalidade não pode ser ignorada, pois não há hierarquia de opressões, uma opressão não é ser superior a outra (Lorde, 2019).

Esse questionamento que leva muitas pessoas a tentarem entender se é mais importante considerar a raça ou gênero ocorre justamente pela falta de um pensamento que seja interseccional. Isso correu por muito tempo, e de certa maneira ainda ocorre, dentro do próprio movimento feminista. Certos feminismos esquecem de considerar as categorias de raça, classe social, orientação sexual, entre outras, e assim favorecem pautas e discursos que levam em conta apenas as necessidades de mulheres brancas, de classe média e heterossexuais (Bairros, 2020).

Nesse sentido, é importante compreender que o discurso da “mulher universal” é excludente, pois elas são oprimidas de formas diferentes e discutir gênero com recorte de raça e classe é fundamental. Durante muito tempo, dentro dos movimentos feministas, as questões das mulheres negras foram em grande parte negligenciadas, o que denota a invisibilidade da categoria “raça” como um marcador social (Ribeiro, 2018). Isso porque, como ressalta Djamila Ribeiro, pessoas brancas não costumam refletir sobre raça e, quando a abordam, é para falar sobre pessoas negras – pois raça está associada ao negro (Ribeiro, 2019b).

Audre Lorde ressalta que as opressões e intolerâncias com o diferente existem em diversas formas, cores e sexualidades. E, desse modo, se o objetivo do movimento feminista é a libertação de todas as mulheres, não pode existir hierarquia de opressões. Se um dos objetivos do movimento feminista é a busca por uma sociedade sem hierarquia de gêneros e com direitos iguais para todos, sendo que, para além da opressão de gênero, as mulheres sofrem outras opressões relacionadas à sua raça e classe, é necessário incluir e pensar as interseções como necessidades do movimento feminista e do movimento negro (Lorde, 2019).

Considerações Finais

O artigo teve como objetivo central analisar teoricamente acerca da necessidade de uma análise interseccional nos discursos feministas e raciais como modo de evitar a hierarquia de opressões. Para tanto, teve como plano de fundo o exemplo do ocorrido no programa televisivo da Rede Globo *Big Brother* Brasil, do qual resultaram diversos questionamentos a partir disso. Foram levantadas questões no sentido de tentar entender qual opressão seria “pior”, se o machismo ou o racismo.

Para atender a esse objetivo, o artigo apresentou, primeiramente, o conceito de interseccionalidade e a sua importância para uma abordagem que leve em conta os recortes de gênero, raça, classe, orientação sexual, entre outros. A seguir, relatou os xingamentos perpetrados contra a mulher negra nas mídias sociais, destacando o exemplo do ocorrido no reality show “BBB 2020”. E, por fim, ressaltou a importância de uma abordagem interseccional para entender todas essas questões e para que não haja hierarquia de opressões.

A pesquisa concluiu que o programa *Big Brother* gerou engajamento para a discussão de importantes pautas, tais quais o feminismo e o racismo. No entanto, cumpre destacar que não se está afirmando sobre a existência de uma relação de causa e efeito genérica, em que o reality pudesse ter gerado uma revolução – não é esse o caso e, como uma produção de massa, não se presta a isso. Apesar disso, é importante deixar ressaltado que a partir de discussões levantadas dentro do programa foi possível observar que a temática

ganhou evidência, tal como comprovado pelas indicações relativas às buscas no google pelos termos “feminismo” e “racismo” durante a exibição do programa televisivo.

Além disso, a partir do exemplo da participante Thelma no *Big Brother*, foi possível concluir como os meios de comunicação e midiáticos ainda desconsideram intersecções e exigem uma postura da mulher negra. A questão de gênero, associada à questão racial, representa um componente que agrava as dificuldades e opressões enfrentadas pelas mulheres negras e, conseqüentemente, essas mulheres sofrem opressões duplamente, por serem mulheres e por serem negras. Diante disso, a importância de se pensar em recortes de raça, gênero e classe é fundamental para que não haja hierarquia de opressões.

Ao procurar atender ao seu objetivo geral, esse artigo buscou contribuir para os estudos das relações de raça e gênero. Para tanto, alertou acerca da necessidade de um pensamento interseccional e para a reflexão das articulações de raça e gênero nas esferas de comunicação. Ao relacionar os conceitos de gênero e raça, entre outros, a interseccionalidade demonstra não ser possível lutar contra uma opressão e ignorar as outras, pois, desse modo, a mesma estrutura opressiva seria reforçada.

Nesse sentido, concluiu-se quanto à necessidade de se compreender que as lutas contra as opressões atravessam umas às outras, sendo que para lutar contra uma forma de dominação não há como ser conivente com quaisquer outras dominações existentes. Dessa forma, as lutas sociais – o movimento feminista e o movimento negro – ganhariam muito através dessa intersecção entre feminismo, antirracismo e luta de classes, fundamentais para entender como o machismo e o racismo estrutural se acumulam.

Referências

ADORNO, T. W. (2002). Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra.

AKOTIRENE, C. (2019). Interseccionalidade. São Paulo: Polén Livros.

AKOTIRENE, C.. [@carlaakotirene]. (nd). Carla Akotirene Santos [perfil do Instagram]. Instagram. Recuperado em 20 de setembro de 2020. <https://www.instagram.com/carlaakotirene/>

ALMEIDA, S. L. de. (2019). Prefácio da edição brasileira do livro *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. HAIDER, Asad, São Paulo: Veneta.

ANTUNES, Leda (2020, 04 de fevereiro). Mulheres do BBB se unem e confrontam machismo dos participantes. E a internet está do lado delas. O Globo. <https://oglobo.globo.com/celina/mulheres-do-bbb-se-unem-confrontam-machismo-dos-participantes-a-internet-esta-do-lado-delas-24227032>

BAIROS, L. (2020). Nossos feminismos revisitados. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.

BERTH, Joice. [@joyceberth]. (nd). Joice Berth [perfil do Instagram]. Instagram. Recuperado em 20 de setembro de 2020. <https://www.instagram.com/joyceberth/?hl=pt-br>

BRASILEIRO, P. (2020, 07 de abril). Debate sobre racismo pauta reta final do BBB20. LeiaJá. <https://www.leiaja.com/cultura/2020/04/07/debate-sobre-racismo-pauta-reta-final-do-bbb-20/>

CARNEIRO, S. (2011). “Aqueles negas”: Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro.

CRENSHAW, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>

DAVIS, A. (2017). Mulheres, cultura e política. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

DAVIS, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

FANON, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA.

FOLHA de São Paulo. (s.a.). (2020, 15 de abril). BBB 20: Vice-presidente da Mangueira chama Thelma de mucama e é criticada. F5, Uol. <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb20/2020/04/bbb-20-vice-presidente-da-mangueira-chama-thelma-de-mucama-e-e-criticada.shtml>

FOUCAULT, M. (2005). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, p. 288.

GONZALEZ, L. (1984). *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 230.

GOOGLE Trends. (s.a.). (2020). *Racismo, maio a setembro de 2020*. <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=Racismo&geo=BR>

HOOKS, B. (2019a). *Teoria feminista: da margem ao centro*. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva.

HOOKS, B. (2019b). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

HOOKS, B. (2019c). *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

HOOKS, B. (2019d). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. 3 Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

KILOMBA, G. (2019). *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

LORDE, A. (2019). Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

LORDE, A. (1983). *There Is No Hierarchy of Oppressions*. From Homophobia and Education. New York: Council on Interracial Books for Children.

LORDE, A. (1984). *The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House*, in: LORDE, A. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series.

MOREIRA, A. (2019). *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, p. 54.

OLIVEIRA, J. (2020, 18 de março). No BBB, Babu ficou e furou a bolha das 'fadas sensatas', que também podem ser racistas. El País. <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-18/no-bbb-babu-ficou-e-furou-a-bolha-das-fadas-sensatas-que-tambem-podem-ser-racistas.html>

OLIVEIRA R. C. (2020, 30 de abril). BBB fenômeno de audiência e a ilusão do abalo estrutural do racismo. Carta Capital. <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/bbb-fenomeno-de-audiencia-e-ilusao-do-abalo-estrutural-do-racismo/>

REDAÇÃO (2020, 30 de abril). Babu se manifesta sobre comentários racistas de Marcela e Ivy no BBB. Catraca Livre. <https://catracalivre.com.br/entretenimento/babu-se-manifesta-sobre-comentarios-racistas-de-marcela-e-ivy-no-bbb/>

RIBEIRO, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras.

RIBEIRO, D. (2019a). *Lugar de Fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén Livros.

RIBEIRO, D. (2019b). *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras.

SARINE, B. (2020, 13 de abril). BBB 20: voto de Thelma em Babu divide opiniões. Yahoo. https://br.financas.yahoo.com/noticias/voto-de-thelma-em-babu-divide-opinioes-112629810.html?guccounter=1&guce_referrer=ahrOchm6ly93d3cuz29vz2xllmnvbs8&guce_referrer_sig=aqaaaj3nbi6g9xjh-

hauvsdajegulc4kqzfvzz_vchlgmkz5pxha_uwo6m_dfvu2e2-
xzrmlpv7vvnOpOty6Ikapzvgnxp3fgmetvs9lop395kuvedft2uiwfhsbIqaixfcak
pcgdyvkik_kO-mfnczujxajeifjmh2apm5gpg